ESTADO DO AMAZONAS

DISCURSOS

Proferidos pelos Drs. Vivaldo Palma Lima e Ramayana de Chevalier por occasião da passagem do 1.º Centenario do nascimento de Carlos Gomes em 11 de Julho de 1936.

MANDADOS PUBLICAR PELA

CAMARA MUNICIPAL DE MANAOS

LIVRARIA CLASSICA
J. J. da CAMARA
Manáos-Amazonas — 1936

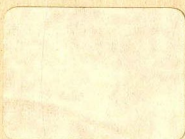
ESTADO DO AMAZONAS

DISCURSOS

Proferidos pelos Drs. Vivaldo Palma Lima e Ramayana de Chevalier por occasião da passagem do 1.° Centenario do nascimento de Carlos Gomes em 11 de Julho de 1936.

MANDADOS PUBLICAR PELA

CAMARA MUNICIPAL DE MANAOS

LIVRARIA CLASSICA
J. J. da CAMARA
Manáos-Amazonas — 1936

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. VIVALDO PALMA LIMA, NO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS, NA SESSÃO SOLENNE COMMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENARIO DE NASCIMENTO DO MAESTRO ANTONIO CARLOS GOMES.

Exmo. Snr. GOVERNADOR DO ESTADO.
Snr. PRESIDENTE DO INSTITUTO.
Snrs. REPRESENTANTES DOS PODERES ESPIRITUAES E TEMPORAES.
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Quando o nosso pensamento se exteriorisa nessas vagas aereas tão complexas e fugazes, que produzem os sons, bem longe estamos de julgar que a natureza tambem pensa, quando faz ciciar o vento nas franças das folhagens ou no ribombo tonitroante dos trovões, no ressoar dos corpos vibrantes ou nos gorgeios sentimentaes dos saltitantes passarinhos.

É que a musica, como linguagem dos sons, não é só «um facto excepcional ou intermittente, um auxiliar dado por acaso ás cerimonias religiosas, uma expressão passageira da alegria, da tristeza ou do sonho, ou ainda uma arte de luxo, um divertimento imaginado por homens ociosos»; não é só o modo humano de manifestar o pensamento por meio de sons, mas é tambem a voz da natureza quando ella nos traz o pensamento coordenador e infinito de Deus.

«A musica, como diz Jules Combarieu, é rebelde a toda a analyse que quer explicar a sua essencia; parece isolada no meio das artes do desenho e do rythmo.

Mas se é assim, é unicamente porque tem vinculos profundos, e não superficiaes, com a vida individual, social e cosmica. O mysterio que a envolve não vem de modo algum de sua natureza e da sua organisação: vem da propria vida que ella exprime com uma penetração e sob a fórma a mais geral. Sae de um instincto universal e pertencente á humanidade; é um sentimento da imaginação: ao mesmo tempo obedece ás leis que regem as coisas e aos seres vivos. Si uma parte de seus segredos nos escapa, é que o da natureza nos é impenetravel; então mesmo que nós o conheçamos não nos será possivel formular com palavras».

«Interprete e creadora de estados psychicos profundos, fina emanação do espirito, dynamismo subtil da vida moral, è sentimento e pensamento ao mesmo tempo. No encanto dos sons, põe uma logica para a intelligencia, uma linguagem de amor para o coração, uma architectura e uma plastica para a imaginação. É o ponto de encontro da lei dos numeros que rege o mundo e da livre phantasia que crea possiveis. Determinada de todos os lados pela vida de relação, ella é, ao mesmo tempo, um bello exemplo desta espontaneidade da razão que attinge «mais alto que a theologia e a philosophia». Pelo accordo destes contrarios, ella representa e faz agir sobre nós, alargando o pequeno dominio do eu, a harmonia de mundos differentes. Os grandes musicos não empregam, como os poetas, o intermediario do verbo: conhecem por intuição directa e veêm mais longe. Tem-se podido dizer que, diante do sublime interior onde elles nos elevam, o sublime exterior do oceano é vulgar e gelado o das estrellas».

Como são bellas estas harmonias sublimes que do-

minam com os seus accordes suaves os nossos pensamentos, e como devem ser transcendentes estas melodias imperceptiveis que enlevam e extasiam os mais féros animaes!

Descrevendo *A symphonia da terra,* Renato Almeida assim nos encanta com as suas enternecedoras palavras: «A côr cria e transfigura, nos reflexos cambiantes e subtis entre os tons intensos e os motivos suaves, uma surpreendente harmonia. O sol esbrasea, queima as florestas, escalda a terra e põe no mar requintes de brilhos, dando á natureza a alegria e o torpor, o deslumbramento e a melancolia. Na matta, torram as folhagens, arrebentam os troncos, donde escorrem as resinas mornas, e a terra mesmo se abre, numa ansia cruel e voluptuosa. A soalheira é uma allucinação. Não só da côr mas tambem som. Vêde a symphonia prodigiosa que se levanta! Gritos vermelhos, melopéas verdes, alaridos de folhas seccas, soluços lilazes e imprecações cinzentas. São as vozes da selva que estrugem. São os violinos e oboés, frautas, violoncellos, tambores, fagotes e timbales, harmonizando um rythmo barbaro e grandioso. Até o silencio é uma voz grave e perturbadora, que resôa e amedronta. Tudo canta; as ramarias gementes, os rios murmurosos, as cascatas em choraes, as cigarras estridentes, os besouros e os moscardos zumbindo e a passarada, na polytonia dos gorgeios e gritos, dos canarios, das arapongas e dos colleiros. As flores sylvestres e os frutos bravos são notas vibrantes e em tudo ha som, nesse rumor indeciso da terra virgem, que é toda inteira um canto de alegria e de extase».

Esta é a symphonia da terra brasileira; e especialmente desta Amazonia exuberante e lendaria, onde as

côres e os sons se casam num concerto eterno de sonoridade, de magnitude e de brilho.

Quem melhor cantou a nossa natureza selvagem, e como poderemos difinir esses accordes sublimes com que nos extasiou esse genio da musica cujo primeiro centenario de nascimento vamos nós aqui commemorar?

***

Antonio Carlos Gomes nasceu a 11 de Julho de 1836, em Campinas, cidade da antiga provincia de São Paulo, sendo filho legitimo de Manoel José Gomes e de Fabiana Maria Jaguary Gomes, que, ainda moça, morrera tragicamente, deixando este seu filho no verdor dos seus dois annos de idade, sendo criado pela sua madrasta D. Francisca Leite, quarta esposa com quem se consorciára seu pae.

Tapajós Gomes, fazendo uma resenha sobre a vida do grande maestro, diz:

«A biographia de Carlos Gomes começa por uma retificação. Durante muitos annos se disse que o glorioso maestro havia nascido no dia 11 de Junho de 1839, quando esta foi a data do nascimento de um de seus irmãos.

Esse engano varios aborrecimentos lhe causou, especialmente por occasião de seu casamento na Italia, pois, para preparar o respectivo processo, enviaram-lhe do Brasil, uma certidão de idade... do irmão. O incidente porém, serviu de pretexto para que, na presença de seus dois amigos dedicadissimos, André Rebouças e Visconde de Tounay, o maestro rectificasse a data de seu nascimento para 11 de Julho de 1836, que era a verdadeira».

O pae de Carlos Gomes, Manoel José Gomes, «um velho austero, de habitos muito severos e de modestas condições de vida, era mestre de musica na villa real de Campinas, onde educára toda uma geração de excellentes cultores dessa arte, embora sem ter nunca sahido do ambiente acanhado de uma pequena cidade de provincia como era a de Campinas do inicio do XIX seculo».

Ensinando ao filho a divina arte musical, obrigava-o tambem a passar pelo menos uma hora por semana na officina de uma alfaiataria para aprender a custurar calças e paletots.

Com a aprendizagem musical que ia tendo com o seu severissimo pae, iniciada aos dez annos, batendo os compassos com os ferrinhos, Carlos Gomes, aos 18 annos de idade, compoz a sua primeira Missa, da qual elle proprio cantou os *sólos* de soprano com a linda voz que possuia então.

Na banda de musica do «Maneco Musico», appelido por que era conhecido seu pae, foi successivamente aprendendo a tocar todos os instrumentos, bem como violino, chegando tambem a se especializar no piano, posto que a excessiva nervosidade do temperamento e das mãos o impedisse de se tornar um profissional afamado no teclado.

Comtudo, ao attingir seus 20 annos, compunha trechos de musica religiosa, fantasias e romanzas. Um destes trechos, a fantasia «ALTA NOITE», para clarinete, tocado em um concerto em 1859, tornou-se famoso, revelando um inspirado éstro.

Carlos Gomes, com a idade, teve a sua voz de soprano lyrico transformada em voz de tenor, que acabou perdendo cêdo, devido a uma inflammação das cordas vocaes.

Deixando Campinas para refulgir em um meio maior, em São Paulo, acolhido por estudantes que lhe advinharam seus vôos artisticos, compoz o «Hymno Academico», «verdadeira Marselheza da mocidade» e a modinha «Quem sabe», cujas letras eram do inspirado poeta Bittencourt Sampaio.

São Paulo, naquella época, era um meio muito pequeno para o grande condor da musica, e célere toma elle o rumo da Côrte, a bordo do «PIRATININGA», onde um novo destino lhe aguardava, com a entrada para o Conservatorio de Musica e a protecção do Imperador.

Aperfeiçoando seus conhecimentos, «apoz duas cantadas» que foram executadas successivamente, a primeira na Academia de Bellas Artes e a segunda na Igreja de Santa Cruz dos Militares, apresentou ao publico a sua primeira opera: «A NOITE DO CASTELLO», libretto de Fernandes dos Reis, logrando esta opera grande exito no Theatro da Opera Nacional do Rio de Janeiro, quando cantada em 4 de Setembro de 1861, merecendo do «Jornal do Commercio» o seguinte conceito:

«Musica ora insinuante, ora arrebatada, gemebunda e trovejante, ora vaga e indecisa, ora precisa e retumbante, pintando sempre com fidelidade os sentimentos das personagens, cheia de qualidades que falam ao ouvido e á alma. O publico foi levado de surpreza em surpreza, sempre ao imprevisto e ao novo. Dois são os meritos principaes desta composição. Um é a expressão maravilhosa que envolve as passagens constantes de uma harmonia a outra. O segundo é a incontestavel originalidade da musica tão difficil de se conseguir nestes nossos tempos de imitação e plagiato».

Em 1863, Carlos Gomes, fez subir á scena sua se-

gunda opera nacional «Joanna de Flandres», libretto e palavras de Salvador de Mendonça, que lhe valeu uma pensão de 150$000 dada pelo Imperador para ir aperfeiçoar os seus estudos na Europa.

Embarcando para a Italia a 8 de Dezembro de 1863 a bordo do paquete inglez «PARANÁ», novos horizontes se lhe abriram na ascencional carreira.

Em 1866 é Carlos Gomes consagrado «Maestro compositore» depois de exames brilhantes.

Sahindo diplomado do Conservatorio, escreveu a musica para a revista «Se sa minga» cujo autor, o poeta Antonio Scalvini, mais tarde escreveu para Carlos Gomes o libretto do «Guarany».

A «Se sa minga» teve um grande successo.

Na musica de uma outra revista «Nella luna», de exito ainda maior, foi o genial brasileiro firmando cada vez mais os seus creditos.

Uma outra composição havia de consagral-o definitivamente e conduzil-o á immortalidade—«O GUARANY».

Dois annos levou elle a preparal-a como quem prepara as facetas para lapidar um diamante, até que conseguiu ser ella encommendada para a estação de inverno de 1869-1870 no Scala de Milão.

«O successo do «Guarany» constitue um dos maiores triumphos que se relatam na historia da musica de todos os paizes».

As criticas faziam, com seus ataques, sobresahir sempre a magnitude da producção.

O critico do jornal «PALCOSCENIO», depois da 15.ª representação da temporada, assim se expressou:

«O GUARANY» de Carlos Gomes obteve desde a sua primeira representação um successo de extraordinario

enthusiasmo e um resultado summamente lisongeiro, apesar das mais torpes insinuações de certos criticos muito acerbas e do ultrajante silencio de outros que pensaram influir assim na opinião publica, manifestando apenas a inveja e o despeito pelo triumpho do jovem brasileiro. Mas em vão: «GUARANY» demonstra encerrar em si bastante vigôr e força de expansão para fazel-o manter-se, sempre com muita honra, não sómente em nossos principaes theatros, mas tambem em todos os theatros da Italia e do estrangeiro».

O genio fecundo do maestro produz em seguida, 1872, a «FOSCA», de caracter wagneriano, considerada pela intellectualidade musical, um trabalho de merito superior, e que o autor considerava sua melhor producção.

Falando da «FOSCA», em 1873, disse Filippo Filippi:

«Não ha na «FOSCA» uma só phrase commum ou trivial. Tudo é nobre e grandioso e se não é sempre absolutamente novo, é todavia superior ás composições de Verdi, Gounod, Wagner e Rossini que lhe podem ser comparadas».

Outra opera o maestro produz: «SALVADOR ROSA», applaudida enthusiasticamente em 1874 no Theatro «Carlo Felice» de Genova, bem como quando foi cantada na Inglaterra, na Allemanha e no Brasil.

Em 1876, Carlos Gomes escreveu, a pedido do Imperador, então em Philadelphia, um hymno para grande orchestra, hymno este que se tornou depois o da Independencia Norte-americana.

O glorioso maestro, em 1879, termina a sua opera «MARIA TUDOR», tambem de caracter wagneriano, que, no anno seguinte, é cantada no «Scala».

Esta opera deu ao autor grandes contrariedades, por não ter tido na primeira audição o exito que merecia, porém nas recitas seguintes, o indifferentismo transformou-se em admiração e enthusiasmo.

Voltando ao Brasil pela segunda vez, durante a temporada de 1880 na Bahia, Carlos Gomes compõe seu «Hymno a Camões».

Nessa época, a campanha pela libertação dos escravos toma vulto no Brasil, e o grande brasileiro começa a esboçar a partitura de uma nova opera «O ESCRAVO».

Os successos desta tambem não foram menor e o maestro entra a trabalhar em uma outra opera «CONDOR» (1891).

Depois, escreve o poema vocal symphonico «COLOMBO» (1892).

Muitos outros trabalhos tambem escreveu, de menor importancia, trechos de musica sacra e de camera; «Il Cantico dei Cantici», cujos originaes creio terem desapparecido ou o maestro rasgou; uma opera inacabada «I MOSCHETTIERI», da qual existem algumas scenas musicadas do primeiro acto; «MORENA», outra obra incompletamente musicada; muitos «PEZZI STACCATI», etc., cuja enumeração é muito difficil de fazer.

Depois de residir muitos annos na Italia, Carlos Gomes quiz retornar definitivamente á patria.

Mas o governo da Republica lhe era adverso.

Prometteram-lhe a directoria do Conservatorio Nacional de Musica e deram o logar a outro.

Seu organismo combalido já vinha sendo devastado por uma affecção que ia abatendo suas forças.

Foi quando o Dr. Lauro Sodré convidou-o a assumir a direcção do Conservatorio do Pará, aportando elle a

Belém, em 1.º de Junho de 1896, onde se conservou até 16 de Setembro do mesmo anno, quando falleceu.

Casando na Italia com Dona Adelina Peri Gomes, teve do seu casal dois filhos, Carlos André e Mario, e uma filha, Itala, unica sobrevivente da familia.

***

Os genios têm sempre uma vida attribulada.

Carlos Gomes foi mesmo um verdadeiro martyr.

Sua illustre filha, a escriptora Itala Gomes Vaz de Carvalho, em seu livro sobre «A vida de Carlos Gomes» não deixou de manifestar este justo ressentimento quando diz:

«Faltou ao grande musico o amparo certo de sua patria, que o teria feito chegar a um mais alto cume de gloria, não sómente quando na madureza de seu estro genial, como tambem quando, já alquebrado, de mãos e coração sangrado fazia herculeo esforço de elevar mais e mais a sua terra, não teve o heroico artista o esteio da sympathia e do fraternal interesse de que era merecedor. Dir-se-ia assim que, á semelhança de outros muitos cavalleiros da Gloria, tambem tivera, como caracteristico saliente de sua jornada terrena, aquella impiedosa desventura que parece ser a vingança com que os deuses assignalam os genios.

Desde o berço Carlos Gomes luctou, e ao longo de toda a sua existencia de artista, de homem e de cidadão, sempre fôra acompanhado pelo bafejo da desdita, que sob multiplas fórmas lhe embargára o caminho por onde attingiria outros e mais elevados louros de sublimidade para chegar ao ideal de perfeição que paira no coração

de todo o verdadeiro artista. Sua bella figura lendaria aureolou-se, além dos raios da gloria, com os espinhos do martyrio, creando em torno do esforçado trabalhador ambiente material e moral demasiadamente doloroso para um simples mortal, tocado embora pelo fulgor do genio».

É ainda o escriptor e publicista Rodrigo Octavio quem a secunda nestas queixas amargas:

«Revelada a grande capacidade do artista, consagrada sua obra inicial com os applausos da mais prestigiosa platéa do mundo, os cuidados do Brasil para com esse filho privilegiado não deviam ter faltado e faltaram. O Brasil esqueceu-se que, do bem estar, da segurança de vida de Carlos Gomes, dependia a qualidade e o volume de sua producção, e, que essa producção viria, com gloria para seu autor, enriquecer o diminuto acervo de patrimonio artistico nacional. E esses cuidados, que não tiveram para com o homem, em vida, continuam deficientes para com a gloria do seu nome, depois de sua morte.

Não bastam para essa gloria o aparáto dos monumentos que ornam praças publicas de São Paulo e Campinas. O Maestro, na modestia de suas ambições e no amor de sua obra, desprezaria as estatuas e desejaria um pouco mais de attenção para sua musica. É nella que seu nome se deve perpetuar».

O descaso pelas reliquias deixadas por Carlos Gomes, em Belem, depois de sua morte, bem mostra que em nosso paiz ainda se não sabe dar valor aos filhos que mais concorrem para elevar o nome da patria brasileira a um nivel tão alto como o fez o autor genial do «GUARANY».

Um caso passo agora a referir para illustrar esta minha assertiva:

Em 22 de Junho de 1922, Alvaro Maia publicou na «FOLHA DO NORTE», em Belém, o seguinte artigo: *«A Batuta de Carlos Gomes»*.

«Naquelle dia, ao alarme dos jornaes, a alma espirita da cidade irrequieta, em que o Kardecismo assentou firmes raizes, voando das miragens doutrinarias á realidade das demonstrações, accordou alvoroçada e bella, á irrupção de mais uma esplendida victoria.

Não era mãos e braços em parafina, toscamente modelados, nem photographias veladas, em que os desapparecidos sorriem aos vivos numa auréola triumphante, dispertando-os ao encantamento pelo milagre, pela phenomenalidade insophismavel. Alguma revelação superior pairava na atmosphera lucida e esparzia ondas de ouro, como uma saudação ao ambiente.

O commentario alastrava-se, e ninguem duvidava do facto extranho, que abria as boccas em crispações de mysterio. Os olhares cruzavam-se em interrogação de espanto. Os proprios visionarios, os proprios ascetas, persignando-se, estremeciam á novidade singular. Mas, nesse mêdo, vibrava um intimo orgulho. A verdade era indiscutivel. Presencearam-na os guardas nocturnos. Attestaram-na os noctambulos, que se retiravam aos quartos distantes, olhos mergulhados em lembranças inesqueciveis de bohemia. Foi, a principio, uma nota fugitiva, depois uma ligação, num crescendo, uma harmonia poderosa enchendo a rua. A vegetação, de um verde quasi negro, chorava folhas, que se despencavam dos galhos fortes de resinas. Ao redor, rolava uma calma infinita. A sonoridade cresceu, avultou, espraiou-se em majestade dominadora. Os ouvintes descobriram-se assombrados, incapazes de um passo, um acto ante a symphonia, que fugia do pre-

dio deserto, séde da Associação da Imprensa, que esconde avaramente o piano do maior compositor brasileiro.

Alguns minutos mais, e a symphonia findou.

A multidão prorompeu em hosanas ao espirito prodigioso, que se compadecera dos mortaes e, saudoso da musica terrena, viera lançar os dedos sobre o piano abandonado.

Foi assim que, no principio deste anno da Independencia, Belém commemora o apparecimento de Carlos Gomes,—em noite morta, como num fim de concerto, em que o maestro viera visitar o logar onde passára os seus ultimos annos.

Belém, cheia de saudade, celebra a estadia do immortal musicista em suas ruas turbilhonantes em um quadro de largas dimensões: Carlos Gomes, em vesperas da morte, tem os olhos tristes, illuminados por uma rajada de belleza interior.

Perto, o piano, o leito enorme, algumas figuras da época. As janellas abertas dão para um fundo de arvores, espalhando sombra e doçura á scena dolorosa. Ao fundo, á parede, uma pequena reproducção do painel de De Angelis, referente á salvação de Cecy pelo indio destemeroso, propriedade do governo do Amazonas. Foi nesse admiravel scenario que falleceu Carlos Gomes, ha vinte e seis annos, levando comsigo as maiores vozes do Brasil.

Fizeram-se necrologios na imprensa, no Congresso. Os bardos choraram, espremendo lagrimas em romanzas e balladilhas. O enterramento foi sumptuoso. Sumptuosos os discursos.

Mas os restos de Carlos Gomes,—o piano, os moveis, o museu, que poderiam constituir objecto de carinho em outro povo, voaram na voragem do esqueci-

mento, distribuidos por um leilão implacavel. Salvaram-se apenas o piano e a batuta. O piano guarda-o a Associação da Imprensa. Em horas de luar, surdina a Ave-Maria, emquanto os transeuntes levantam os olhos e recitam preces. Outras vezes, a *Symphonia* estrondeia vigorosa, resuscitando a barbara alma brasileira, adormecida nos rios e nas florestas virgens. O genio nacional é caritativo. Não faz como seus emulos Wagner e Beethoven, e, em noites de aborrecimento no paraiso, quando os anjos desafinam, desce a este pantano vil, que é a terra, e arroja as mãos vertiginosamente ao teclado inerte».

***

«E a batuta?

Depois de muitas pesquizas, consegui travar relações, no Pará, com o sr. Antonio Bernardino Furtado, que fez o leilão do espolio de Carlos Gomes, e tive uma profunda amargura quanto a cousas de arte em nossa patria.

Logo após o passamento do grande artista, o coronel Francisco Baptista de Aguiar expoz em leilão os moveis e utensilios, que o acompanham em vida. Annunciaram-no os jornaes em letras garrafaes. Diminuta concurrencia. Os moveis pouco renderam, não constando a batuta do arrolamento dos objectos.

Na occasião de entregar a cama, Furtado descobriu-a debaixo do colchão, do lado da cabeceira. Entregou-a áquelle coronel, que ordenou immediatamente a sua venda, em meio de outras bujigangas. O lote deu 76$000 e coube a Miguel Fortunato da Silva, a quem foi passado documento de authenticidade. Não ligou, porém, a minima

importancia a semelhante objecto e, retirando-se para a Europa, mandou arrolal-o em um leilão. Feito este, arrematou-a A. Malca, que a cedeu a Furtado por 20$000.

Guardou-a este religiosamente, cedendo-a, ha mezes, ao dr. Alcebiades Antogini, advogado no Rio, por 1:000$000. O capital começou a render juros».

***

«Carlos Gomes regeu varios concertos no Pará. A batuta era o instrumento sagrado do maestro: a um signal seu, de alto para baixo, ou da esquerda para a direita, sons despertavam, num improviso de encantos.

Com o minusculo bastão, a natureza brasileira explodia, ora em estos brutaes, ora em caricias arrastadas.

Aquella cabeça leonina, de cabellos de neve, ardia nesses momentos, communicava o incendio aos circumstantes. Era a tempestade: o relampago, o estridor, o espanto, e, depois, o silencio.

Mas, daqui a algum tempo, em que mãos profanas ficará dormindo o instrumento que tinha forças para despertar a procella?».

É ainda Alvaro Maia quem descreve esta celebre batuta da seguinte fórma:

«Carlos Gomes, ferrenho nacionalista, fez a batuta de uma flexa, que lhe foi offerecida num ramalhete, após memoravel representação do «GUARANY» no Theatro da Paz. Tem 52 centimetros de comprimento. É de bambú, arredondada e leve, amarello-escura; possue duas manchas, uma no meio, outra alongada, do lado mais grosso; ostenta uma fita de sêda verde-amarella, que se achava amarrada ao ramalhete».

Pouco tempo depois, em 12 de Outubro de 1922, o «Correio Paulistano», com o titulo de «O PIANO E A BATUTA DE CARLOS GOMES», publicou a seguinte carta de Alves de Souza, escripta do Rio e datada de 10 do mesmo mez:

«Meu illustre collega e prezado amigo Antonio Fonseca:

Depois de amanhã, 12, inaugura-se em São Paulo o monumento a Carlos Gomes, e cuja iniciativa pertence aos italianos, que teem realizado no Estado «leader» do meu paiz uma obra de trabalho, de progresso e de civilização, que, antes de tudo, exalta a vitalidade dynamica da raça latina.

No dia 26 de Setembro findo completou-se a 26.º anniversario da morte do glorioso campineiro na cidade de Belém, capital do Pará, meu Estado natal.

A proximidade daquelle acontecimento e desta data justifica o pedido que ora lhe faz o ultimo dos collaboradores do «CORREIO PAULISTANO», para dar agasalho nas columnas do prestigioso matutino a algumas informações de summo interesse que tomo a um importante diario paráense, a «FOLHA DO NORTE», onde encontro, por entre brilhantes commentarios, subscriptas pelo sr. Alvaro Maia, culto publicista, ora em Belém.

Como sabe, o grande maestro residiu longo tempo na capital do Pará, onde a sua arte e o seu coração exerceram uma influencia tão poderosa e duradoura, que o seu nome é dos mais caros ao civismo, á intelligencia e á saudade dos paraenses.

Fez-lhe o governo do Estado os funeraes memoraveis, que atrahiram a attenção geral do paiz e que tanto sensibilizaram a alma paulista; e no gabinete do prefeito,

no palacio da municipalidade de Belém, figura a celebre téla de De Angelis, fixando para a historia e para a commovida veneração das gerações *OS ULTIMOS MOMENTOS DE CARLOS GOMES*».

E Alves de Souza, depois de transcrever o artigo de Alvaro Maia, assim conclue a sua carta:

«Eis ahi as preciosas informações que annunciei. Penso que seria optimo passar a batuta á propriedade de São Paulo.

Quanto ao piano, não creio que o Pará se desfaça delle. E aqui lhe digo á puridade, illustre e caro Fonseca: todos os paraenses, dentro ou fóra do Estado, pensamos egoisticamente assim».

Esta carta de Alves de Souza despertou o civismo dos paulistas, e, tempo depois, piano e batuta eram adquiridos pelo Centro de Sciencias, Lettras e Artes da cidade de Campinas, indo estas duas preciosas reliquias para a terra que foi o berço querido do immortal maestro.

Não fosse o brado vibrante de Alvaro Maia, ellas ficariam olvidadas, e teriam talvez a mesma sorte de tudo o mais que foi vendido no impiedoso leilão do espolio deste glorioso brasileiro, cujo primeiro centenario de nascimento presentemente se commemora em todos os recantos do paiz, com festas glorificadoras, bustos nas praças publicas e hymnos retumbantes.

* * *

Quasi quarenta annos são passados, depois que o destino cruel fez subir para a eternidade o espirito viril de Carlos Gomes.

Talvez seu nome aureolado não fosse mesmo relembrado pelo povo, por occasião desta passagem do seu primeiro centenario de nascimento, se o egregio cidadão que dirige os destinos da Republica, não fizesse um apello a todos os Estados da Federação Brasileira, para pagar uma divida de honra a um dos expoentes maximos da cultura artistica do Brasil.

Neste momento em que se faz entre nós tão festiva commemoração, devemos assignalar, com justos encomios, o nome do grande presidente Getulio Vargas, que soube dar a seu povo uma lição perfeita do civismo.

O busto do maestro, tendo uma grande lyra por pedestal, inaugurada pela Prefeitura de Manáos na praça em frente ao Theatro Amazonas, ha de ser, nesta terra, a mais duradoira das homenagens prestadas ao grande genio musical.

A «serata de honore», os concertos symphonicos e as festas escolares, mandadas realizar pelo governo do Estado, bem demonstram que o Amazonas soube cumprir com todo o rigor o seu dever, e tambem soube contribuir para pagar esta divida nacional de gratidão.

E agora tu, ó espirito sideral de Carlos Gomes, recebe neste momento as oblatas do Instituto Geographico e Historico, porque a justiça, embora tardia, sempre chegou para te consagrar como o genio tutelar da musica no Brasil.

Tua imagem figura ha 16 annos em nossa galeria de honra, porque este Instituto sabe seleccionar os vultos de maior realce da nacionalidade para transmittil-os a veneração das gerações que forem vindo.

Por isso já eras para nós a figura maior da arte musical, pois tinhamos feito em tempos passados á

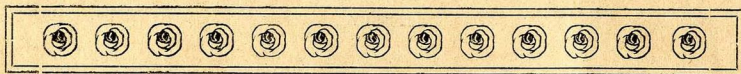
tua memoria, aquillo que Pedro II chamou «a justiça de Deus na voz da historia».

Mesmo assim, recebe de nós, ó Carlos Gomes, mais estas justas homenagens que hoje te prestamos, porque bem o mereces.

Ha annos, conforme refere Alvaro Maia, fizeste bater em Belém as teclas de teu piano, tocando os sublimes accordes de uma etherea symphonia, para mostrar que tua alma de artista ainda sobrevivia ás destruições inevitaveis do teu corpo; agora, faze de novo, com a tua vibratil esthesia, ressoar por todos os recantos do paiz essa mesma vibrante symphonia, de modo a despertar o civismo dos brasileiros, para que, assim conscientes de tua sobrevivencia, possam todos festejar com mais ardor a tua gloriosa immortalidade!

Salve! Carlos Gomes. Bemdita seja para sempre a tua veneravel memoria!

Vivaldo Lima.

DISCURSO PROFERIDO PELO DR. RAMAYANA DE CHEVALIER NO ACTO DA INAUGURAÇÃO DA ERMA A CARLOS GOMES ERIGIDA NO ADRO DO THEATRO AMAZONAS, PELA MUNICIPALIDADE DE MANÁOS.

Ha cem anos, numa triste e quieta casa da rua da Matriz Nova, no dia 11 de Julho, nascia Nhô Tonico. Chamavam-no assim, domesticos, escravos e companheiros. Não era o surgimento vulgar de um homem; era o alvorecer de um sól.

São Paulo abrío-lhe os olhos. Campinas, a rainha sedutora do reconcavo bandeirante, assistíu, comovidamente, ao amanhecer do genio. Moveram-se compadres, agitaram-se vizinhos, choraram de alegria parentes e amigos.

Naquelas lagrimas humildes de contentamento, havía, e mal adivinhavam eles, reflexos de ignoradas sinfonías. O dealbar da estrela têve o côro sentimental do nascer cristão: sorrisos, festas, acalantos.

Nhô Tonico cresceu, buliçoso e alegre, como uma criança forte. Em redor de seu corpo, o carinho tradicional da familia brasileira; em redor do seu cerebro, 1836, o seculo luminoso da galantería, a chama devoradora da Arte pela Arte, incendiando elegancias, crepitando, na Europa e na Asia Menor, pelo brilho das côrtes e o fulgor das embaixadas.

O pai, velho centurião parnahybano, colocou-lhe entre mãos, com a primeira partitura, o primeiro marco

para a vitoria. Foi seu professôr, foi seu amigo, foi seu guía inefavel.

Como Mozart, aos 9, já ele aos quinze compunha lundús seresteiros, polkas maviosas e ternas, onde predominavam, a par da harmonía inconfundivel, o rasto genial do artista, nos «ralentando» inebriantes.

Breve, emplumava a aguia, para os remigios vigorosos. Transpôz o Atlantico. Levou no cerne do peito, a saudade da Patria e a inspiração de Deus.

Foi Maestro. A Italia, perfumada de sonhos azues e embalada de surdinas extranhas, foi-lhe a melhor pousada. O indio fê-lo universal. Na alma de Pery, no coração de Cecy, na retilinea consciencia do bandeirante, encontrou ele a chave para a eternidade.

O «Guarany» ergueu até os olhos do mundo, o obscuro clarinetista de Campinas. Nhô Tonico foi então, Carlos Gomes.

O Antonio da rua da Matriz Nova, o solfejador provinciano dos bailes pacatos da cidade das andorinhas, morreu diante do compositor gigantesco da sinfonía imortal. Carlos Gomes encheu o Scala de Milão como uma rajada embriagadora de sons e de Ritmos. A escola italiana inflamou-lhe o talento. Verdi, Meyerbeer, foram-lhe mestres e colegas.

O Convent Garden, de Londres, o Colon de Montevidéo, o Teatro Imperial de São Petersburgo, o Teatro de Moscow, o São Carlos de Lisbôa e o Scala de Milão, exaltaram-lhe, com as mais cultas platéias do glôbo, em trepidantes aclamações, o genio encantador.

O Imperador do Brasil, velho tronco purissimo de estesía e de valôr, chorou silenciosamente, quando, tocado de um patriotismo nobre e imarcessivel, Carlos Gomes

comandou a orquestra executante de sua opera no Teatro Lirico do Rio de Janeiro. Não ha nervos, não ha corações, não ha consciencias, lidimamente brasileiros, que não sintam, nas crispações e nas melodías, nas calmas e nas tempestades do «Guarany», as tempestades e as calmas, as melodías e as crispações da alma nacional.

O gigante marchou sobre os loiros, para novos triunfos. «Salvator Rosa» fêz época no Brasil. E, ao retornar, a pedido, á velha patria de todos os artistas, á suavissima Italia de céo doirado e milagrosos luares inspiradores, levava ele, a «Fosca», brilhante realização musical, que entusiasmou velhas assistencias acostumadas ás branduras de Schumann e ás delicias de Rossini.

«Maria Tudor», «Lo Schiavo«, «O Condor», completaram a afirmação do seu talento criador, imenso, sintese do poder invencivel da Raça, incendio sagrado e milenar, que jogou, como um premio ao ocidente que cançava, diante da critica espantada, do universo sorridente, o nome do Brasil.

O seu Hinario é celebre e vibrante.

«Moema», «Cantico dos Canticos», «Leona», «Bizarro», «Ninon,» «de Cavalloti», são dôces e ternas operas sem termo, trêchos magistraís, ora languidos, ora esbraieados, como sinfonías inacabadas...

Sua vida foi toda assim: veio caricioso de sonatas, quêdas e sutís como plenilunios, cachoeiras indomaveis de harpejos, espumejantes como vinhos antigos, entusiasticas como o seu grande coração de patriota, temporaís classicos e modernos, esfusiantes e consoladores como sentimentos intimos, sentidos.

O sofrimento coroôu-lhe o destino. Não deveríam sofrer sómente os abandonados menestreis do Montpar-

nasse; os morbidos soldados da Perfeição; os intocados guardiães do sentimento humano, em París, em Napoles, em Florença, em todos os logares. Não deveríam ter sofrido, sósinhos, os intransigentes veladores da Arte, os porteiros da Eternidade, os inesqueciveis vencedores das batalhas do coração, que não possuem fragores nem sangueiras, porem mutílam muito mais, desgraçam mais profundamente.

Tambem a ele coube o quinhão do infortunio glorificador. Tambem a ele coube o góle da taça, mais pura e mais traiçoeira que todos os venenos, a taça roída da imortalidade.

Carlos Gomes sofreu, caladamente, estoicamente, as mais tremendas desilusões.

O Brasil não lhe recompensou o devotado amôr nem o denodado sacrificio.

A negrura dos dramas surdos, a tragica perspectiva dos combates ignorados, dentro do lar e fóra da vida, a morte, em todos os seus esgares e cruezas, tudo teve ele, sem protestos, dignamente, como um bravo.

Desprezado, ao jeito dos seus irmãos em genio e em gloria, refugiava-se no mais recondito esconderijo de sua Arte e vivia, embriagado de sonhos, para a Harmonía Infinita e para o infinito desvairo do seu temperamento, livre como as corredeiras e as lagrimas sinceras.

Um día, em Belém, o Criador sopitou-lhe os passos já tropegos.

Para aquela vida fusilada de idealismos, reservara o Destino Morte tragica num ambiente propiciatorio.

Devorado por um cancer, na suprema tortura do desconforto fisico e espiritual, Carlos Gomes soube morrer, como viveu: generosamente.

Na crispação final de sua bôca endolorida e pôdre,

havía um gesto de renuncia, e o excelso desespero de um beijo mutilado, um mutilado beijo que ele, na escruciante angustia de transpôr a Suprema Porta para o desconhecido, deixava como herança derradeira e nobre, áquela que fôra a sua desventurada e constante paixão.

Foi em Belém que ele morreu. E, parece, á sua morte, todas as coisas se tocaram do misticismo de planger. A Naturêza, fimbriada de devaneios, acolheu o artista do outro lado, com a piedade e a candura das almas inefaveis.

Tudo parecía orar, sorrir, gemer, quando ele morreu. O Brasil verdadeiro parára, tangido pela dôr, no ápice de um minuto de recolhimento.

Já não havía mais sól quando ele desapareceu. Sim. Porque os artistas são como os astros: não morrem, desaparecem. Já não havía mais luz quando ele desapareceu. Escondeu-se o sól para que ficasse, sósinho, o sól maravilhoso do seu genio.

Nenhuma moldura melhor que a noite para esse temperamento solar. Morreu Carlos Gomes, como se apagam os grandes candelabros, como se fecham os grandes livros: amarguradamente, sinceramente, saudosamente.

Foi o maior Maestro da America do Sul.

***

O gesto do sr. Dr. Antonio Maia, dignissimo Governador da cidade, homenageando, em nome do pôvo do Amazonas, ao imenso cantôr da Raça, possúe o relêvo das atitudes definitivas.

Foi no estuario do Amazonas, á margem da caudal que nos orgulhece, dentro de uma dessas nossas noites, toldada de misterio e de caricias, que desapareceu o estrategista do pentagrama.

O Amazonas vibrou como todo o Brasil, diante da perda dilacerante.

Vibra hoje, de novo, na aleluia desta comemoração, oferecendo a lembrança de um busto a quem já se eternizou no coração de todos os patriotas.

Será bem de repetir as palavras sentidas de De Vecchi, repassadas de magua e de esperança, como um final de opera a este raconto, singelo e humilde, de saudade, cantando, em louvor da alma do genio, aos pés de Deus, cheias da divina revolta contra as atrocidades do destino, cégo e ingrato:

«Eis-te por terra... Inanimado... morto,
Meu Cabôclo sublime!... E ainda bem pouco
Eu sentí, junto ao meu, palpitar forte
Teu grande coração! E eu, como um louco

Aplaudía com todo o entusiasmo
O projeto feliz que conceberas,
E que com tanto ardor tú me contavas
De viver na terra em que nasceras!...

Tal qual o teu corpo, a tua idéia,
No fundo de um sepulcro foi caír!...
A vida que ao Brasil tú destinavas
Veio, rápido, a Morte, destrúir!...

Mas, não, tú não caístes, Carlos Gomes!
Nem tão pouco morreste imortal Genio!
Do tumulo voaste ao Templo d'Arte
Onde glorias terás noutro proscenio!

De encantadores sons já enche o espaço
De uma orquestra brilhante angelical!...
Executando estão em harmonías
Do Guarany que assim fêz-te imortal.

Em vez de se cobrir de negro crépe
De galas teu Brasil hoje se veste,
Trocando o cantochão, lugubre, triste,
Pelas notas com que o mundo todo encheste.

Se a Morte conseguíu gelar-te o corpo
Gelar não conseguiu tu'alma ardente!...
Na Fosca e Guarany, Condor e Schiavo
Tu'alma ha-de sentir-se eternamente!....

Força alguma contigo teve a Morte!...
—Quiz prender-te...e apressou-te na subída!..
Quiz nas trevas jogar-te...e deu-te a Luz!...
—Quiz a vida roubar-te...e deu-te a vida!...

Ramayana de Chevalier.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com